

SPELLBOUND / 1945

(*A Casa Encantada*)

um filme de Alfred Hitchcock

Realização: Alfred Hitchcock / **Argumento:** Ben Hecht, baseado no romance de Francis Beeding (Hilary St. George Saunders e John Palmer) "The House of Dr. Edwards", adaptado por Angus McPhail / **Fotografia:** George Barnes / **Música:** Miklos Rozsa / **Efeitos Especiais:** Jack Cosgrove / **Montagem:** William Ziegler e Hal C. Kern / **Sequência do Sonho:** Salvador Dali / **Cenários:** James Basevi e John Ewing / **Guarda-Roupa:** Howard Greer / **Som:** Richard De Weese / **Conselheiro Psiquiátrico:** May E. Romm / **Interpretação:** Ingrid Bergman (Dra. Constance Petersen), Gregory Peck (John Ballantine), Rhonda Fleming (Mary Carmichael), Jean Acker (a médica-chefe), John Emery (Dr. Fleurot), Donald Curtis (Harry), Leo G. Carroll (Dr. Murchison), Michael Chekhov (Dr. Alex Brulov), Norman Lloyd (Garmes), Steve Geray (Dr. Graff), Paul Harvey (Dr. Hanish), Erskine Sanford (Dr. Gall), Victor Killian (sheriff), Wallace Ford (o "atrevido"), Bill Goodwin (detective do hotel), Dave Willcock (porteiro), Janet Scott (Norma), Edward Fielding (Dr. Edwards), etc.

Produção: Selznick International Pictures / **Produtor:** David O. Selznick / **Cópia:** dcp, preto e branco, legendado eletronicamente em português, 118 minutos / **Estreia Mundial:** EUA, 28 de Dezembro de 1945 / **Estreia em Portugal:** Tivoli, 7 de Outubro de 1946 / **Última reposição comercial:** Tivoli, 11 de Julho de 1977.

Regressado à América, depois da sua estada em Londres, em 1944, para realizar os documentários **Bon Voyage** e **Aventure Malgache**, Alfred Hitchcock reatou a colaboração com David O.Selznick, o homem que o convidara a ir para Hollywood e a quem, desde 1940 e **Rebecca**, estava ligado por contrato.

Mas Selznick, depois de **Rebecca**, ocupou-se, sobretudo, em gerir a carreira e os fabulosos lucros do "seu" **Gone With the Wind**, filme de 1939. "Libertou" quase toda a gente que tinha sob contrato (de Hitchcock a Ingrid Bergman) e "alugou-os" a outros. Viveu de "rendas", até 1944, ano em que decidiu relançar as suas *productions*. E, nesse mesmo ano, chamou Hitchcock e Ingrid Bergman, para o primeiro filme em que os dois trabalharam juntos. Entre Selznick e Hitchcock ficou ajustada a adaptação do romance "The House of Dr. Edwards", confiada ao grande argumentista Ben Hecht, com quem Hitch trabalhou, também, pela primeira vez.

Assim nasceu **Spellbound**, um dos filmes mais discutidos da carreira de Hitchcock. Para a cotação comercial do realizador em Hollywood contribuiu tanto ou mais que **Rebecca** ou **Suspicion**, tendo sido, quer à data da estreia, quer à data das muitas reposições, um dos seus maiores êxitos de bilheteira (o filme custou um milhão e meio de dólares e já rendeu catorze, líquidos). Mas a crítica, mesmo a mais favorável ao autor de **Notorious**, torceu sempre o nariz e o próprio Truffaut afirma tratar-se duma obra decepcionante. O realizador disse estar de acordo: "*Tudo é muito complicado e as explicações no fim demasiado confusas*".

A maior dificuldade com que se tropeçou, na leitura do filme, foi e é a visão da psicanálise, tida como demasiado simplista e rudimentar. À época, esse ingrediente conquistou o público, numa das primeiras obras a abordar tal tema, criando, pode-se dizê-lo, uma moda. E havia um *morceau de bravoure*: a sequência do sonho concebida por Salvador Dali.

Sabe-se que essa sequência era muito mais longa do que a que figura na obra: era um pequeno filme dentro do filme, com 25 minutos de duração, que Selznick reduziu a 5. Ingrid Bergman contou como era: "*Tinha um cachimbo na boca, deitava fora o fumo e formava-se uma estátua com esse fumo. Estava vestida com uma túnica grega, com uma coroa na cabeça, um colar de ferro à volta do pescoço e uma flecha cravada nesse colar. Subitamente, a estátua partia-se e eu entrava no cabaret assim vestida*". Hitchcock referiu-se a formigas que saíam dos buracos da estátua, quando esta se partia e que cobriam, depois, Ingrid Bergman. E falou da sua vontade de obter um sonho muito claro (queria até rodá-lo em exteriores, para que tudo ficasse inundado de sol) dizendo ter escolhido Dali por causa "*do aspecto agudo da sua pintura - Chirico é muito parecido - com as longas sombras, o infinito das distâncias, as linhas que convergem na perspectiva, os rostos sem forma*". Parece que esse material da totalidade da sequência já não existe. Mas, por mim, mesmo com os cinco minutos actuais, julgo que a chave do sonho é a chave do filme.

Antes de lá ir, chamarei a atenção para outro aspecto. Normalmente, as primeiras sequências dos filmes de Hitchcock, aparentemente sem uma ligação imediata com o resto do filme, dão boa parte da explicação deste. É uma constante. Em **Spellbound**, a primeira sequência é o episódio da ninfomaniaca (Rhonda Fleming), que, depois, nunca mais aparecerá. Mas, desde o início, somos colocados sob o signo do desejo sexual e esse secundário personagem só existe para manifestar a latência desse desejo, na aparentemente contida Ingrid Bergman. É ela quem vai desencadear essa lógica do desejo que é o segredo da profunda perturbação e fascínio provocados por esta obra (e talvez daí o seu êxito junto do público) introduzindo também o tema das linhas paralelas, fundamental para a compreensão dos labirínticos complexos de culpa de Gregory Peck. Os dois protagonistas, no seu comportamento consciente e recalcado, estão envoltos em sombras, que não será forçado ver como as da tensão que não deixam explodir. Sempre que intervém o subconsciente, intervém a claridade (neve, toalhas brancas, lençóis, sonho). Se todos os personagens estão *spellbound* (encantados, arrebatados, embruxados), estão-no mais evidentemente os protagonistas, sobretudo os médicos, o que não deixa de ser extremamente irónico.

Ora, para voltar ao sonho, o tal sonho claro, é nele que percebemos porque é que o filme começa com essa sequência da ninfomaniaca. Porque, no sonho, Ingrid Bergman assume esse papel (como Rhonda Fleming, ao lado duma mesa de jogo), mulher que beija todos os homens, ávida do desejo que a Dra. Petersen tanto procura conter.

Ateando vários ímpetos, antes da entrada de Peck (pense-se na sua relação com o Dr. Fleuret ou com o doente) Ingrid recalca esses sentimentos até ao aparecimento do protagonista. Logo no primeiro encontro (belíssimo campo-contra-campo em grandes planos, precedido pela primeira imagem da faca) desencadeia-se esse *coup de foudre* (se assim se lhe quiser chamar) que faz a médica "cair" sobre o "colega" sem nunca mais o largar. Nenhuma explicação plausível existe para a sua crença na inocência de Peck, como bem lhe faz notar o professor, nenhuma, a não ser esse plano assombroso do primeiro beijo, seguido das sete portas que se abrem. Portas que não se abrem evidentemente para Peck mas para a fria e profissional Ingrid, que entrevê então muita coisa que vai determinar o seu irracional comportamento. Não é certamente por acaso que é Ingrid quem entra sempre pelo quarto de Peck. Quando vem da biblioteca com o livro sobre os complexos de culpa; quando o procura no hotel e quando vai com ele para casa do professor (na sequência em que acaba por dormir na cama, ao contrário do que havia proposto e quando - ao contrário do que o estatuto profissional determinaria - é Peck quem fica no divã). Ingrid é ainda quem conduz Peck na sequência da neve e quem o leva até à beira do abismo. Descobridora de

todos os segredos, é ela ainda quem domina Murchison, quando este, após outro lapso significativo, se lhe **entrega**. A sequência da sua exortação final ao criminoso é, de facto, uma sequência de **posse**, em que a arma deixa de poder funcionar nas mãos de Murchison ou só funciona quando se vira contra ele próprio.

Assim, poder-se-á verificar com alguma atenção que Hitchcock inverte quase todos os códigos do filme e sobretudo os que, em termos primários se podem chamar psicanalíticos. Quem se liberta não é apenas Peck, mas sobretudo a sua psiquiatra, que, através da cura dos vários quartos e casas de banho (*"Something happened to us"*) vai voltando ao contrário os recalcamientos iniciais e descobrindo a saída dos labirintos dos seus complexos. Filme mais labiríntico do que analítico, mais contra-aparente do que aparente, também por isso filme de fascínio e de desejo.

Não me custa a crer que um dia se venha a reconhecer que este filme "muito complicado" é o filme em que Hitch mais chaves deu sobre si próprio.

E sobre o cinema. Por mim, só posso dizer que, desde que o vi pela primeira vez, na estreia lisboeta do Outono de 1946, tinha eu 11 anos, fiquei tão enfeitiçado como os personagens. Hoje, talvez não consiga explicar nem mais nem melhor do que há quase quase 60 anos. Mas **Spellbound** é a "casa encantada" em que nunca mais deixei de viver e é o filme em que mais me reencontro com a magia do cinema. Estou convencido que isto não é psicanalisável - ou não é só psicanalisável.

JOÃO BÉNARD DA COSTA

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico